

Ensaística Seniana

«*Matéria Cúmplice* (o título procura traduzir uma relação) reúne um pequeno número de estudos que são como que aberturas para diversos aspectos da vida e da obra do poeta (a desenvolver, por mim ou por outros). O livro fecha com uma bibliografia, “Trinta anos de Jorge de Sena: 1982-2012”, que tem um propósito informativo e comemorativo, dando a esta selecção de estudos uma forma circular, significativa, uma vez que o seu prelúdio tem como tema a recepção de Jorge de Sena. E creio que a estrutura circular e o encadeamento possível entre cada um dos estudos conferem ao conjunto uma particular consistência.»

ddde

00610641849001
ISBN 978-972-665-681-4



9 789726 656814

Matéria Cúmplice. Cinco Aberturas e um Prelúdio para Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

Matéria Cúmplice. Cinco Aberturas e um Prelúdio para Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

Guimarães

PORTUGAL NO EXÍLIO DE JORGE DE SENA

1

A actividade de resistência ao regime salazarista por parte de um democrata independente, que além do mais pertencia aos quadros do funcionalismo público, como era o caso de Jorge de Sena, tinha as suas limitações, mesmo do ponto de vista legal, e exigia determinadas cautelas, políticas e conspirativas. Justamente, num momento mais afoito, quando o poeta, em 1945, então oficial miliciano do Exército, assina listas, publicadas na imprensa, e promovidas pelo MUD (Movimento de Unidade Democrática), exigindo eleições livres, arrisca a sua deportação para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, o que só não aconteceu devido a uma intervenção do diplomata (e escritor) brasileiro Rui Ribeiro Couto. E, em 1959, está na chamada conspiração da Sé, a falhada tentativa de golpe de estado posta em marcha na noite de 11 para 12 de Março, envolvendo civis e militares de diversas sensibilidades políticas, de católicos a comunistas, acontecimento que (por isso mesmo?) ainda não foi devidamente historiado, reconstituído e estudado, e a cujas consequências se deve o exílio voluntário de Jorge de Sena. Mas a sua actividade cívica, política, de escritor e intelectual não se limita a estes dois momentos, apesar de, como lembra Mécia de Sena, poder pôr em risco uma família numerosa (Sena, Mécia e Isabel, 1983: 19). Nela devemos incluir a sua presença pública, continuada, em jornais

e revistas, ou através de palestras e conferências, como crítico (literário e teatral, de cinema, música e arte), com destaque para a sua passagem, com Adolfo Casais Monteiro, pela coordenação editorial, em 1944, do jornal *O Globo*, que defendia as posições dos aliados, e, em 1946-47, da revista *Mundo Literário*, até à tomada da publicação pelos comunistas (o que viria a repetir-se, no Brasil, com o jornal *Portugal Democrático*), ou para a participação na criação da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1956. E não podemos esquecer que a casa de Jorge de Sena, no bairro de casas económicas do Restelo, para onde se muda em 1954, foi lugar clandestino para encontros políticos e abrigo de militantes do Partido Comunista (veja-se o testemunho de Carlos Brito no documentário que Diana Andringa dedicou a Jorge de Sena, emitido pela RTP em 1997).

Os diários de Jorge de Sena, para não falar da sua vasta correspondência (édita e inédita), registam alguma desta actividade, através de breves apontamentos de encontros e discussões. Apenas um pequeno exemplo, retirado do dia 17 de Julho de 1954:

O [António José] Saraiva veio-me trazer a prosa do documento das subscrições gerais [de um manifesto contra a bomba de hidrogénio] para eu levar ao [António] Sérgio, que me falara na assinatura de um tal católico Vieira da Luz. Encontrei o Sérgio perto de casa e viemos conversando pela Estrela fora, jardim, etc., até ao Rato, sobre a situação política, o caso da Índia [conflito com a União Indiana sobre os enclaves portugueses] que ele, convidado pelo Cunha Leal para escrever nos jornais (como este pedira ao Salazar), não aceitou tratar por não se poder dizer que tudo começou com a promulgação do «acto colonial» que revoltou os goeses, catorze meses antes de haver vislumbre de independência indiana e Nehrus, de cuja demagogia se servem agora para fazer outra com que esconderem as culpas racistas e autoritárias. (Sena, 2004: 136)

Em carta, de 29 de Novembro de 1971, ao *Jornal do Fundão*, publicada a 12 de Dezembro (note-se: em plena guerra colonial e muito antes do 25 de Abril de 1974), em resposta a uma «crítica» de Fernando Luso Soares ao poema «Paráfrase de Melina Mercouri» (ver *40 Anos de Servidão*), publicado, com outros dois «Poemas de viagem», no *Diário de Notícias* de 4 de Novembro desse ano, Jorge de Sena informa:

Quanto ao facto de saber-se se o autor do artigo «descarrilou» ou não, conforme ele mesmo [Luso Soares] se pergunta, a resposta-cabe aos leitores que não se alimentem de jogos de porta de falsa esquerda. É uma total mentira que eu não tenha tido sempre uma posição política definida, pela qual durante mais de vinte anos joguei a minha segurança e a dos meus – apenas ela (republicana e socialista) nunca se pautou pela obediência aos ditames de quaisquer partidos ou agrupamentos, a que nunca pertenci nem pertencerei, mas com os quais nunca recuei de colaborar por vezes em circunstâncias bem graves. Há mais de trinta anos, todavia, que é parte do jogo de descrédito contra intelectuais independentes o apresentá-los como «a-políticos», como «anti-ismos» (em literatura de favores literários, sim, que o sou), enquanto outros que notoriamente jamais arriscaram coisa alguma passam por sacrificados heróis. Tudo isto e mais, porém, faz parte da História a ser escrita um dia, e em que me não consta, pelo conhecimento directo que tive dela, que a maior parte desses senhores tenha sido dramaturgo, encenador, actor ou figurante de peças que não chegaram a subir à cena. Se desde 1965 não tenho tido qualquer participação na política portuguesa, é porque a tal me não dá direito o passaporte brasileiro que é meu documento de identidade – mas o português que sempre fui hei-de continuar a sê-lo, quer queiram, quer não queiram. E mais não é necessário esclarecer, porque o meu poema em causa – como se viu – já dissera certamente o resto.

Em 1975, numa carta aos directores da revista *Crítério*, Jorge de Sena volta a recordar que «durante os meus anos de Portugal, participei em muitas coisas, ajudei a estabelecer contactos entre grupos, que me foram solicitados em situações muito difíceis, e que comités altamente perseguidos se reuniram por vezes na minha casa de Lisboa; e que, quando me exilei no Brasil, continuei abertamente a actividade que não podia sê-lo em Portugal» (Sena, 2011: 251-252).

2

Quando Jorge de Sena é convidado, pelo governo brasileiro, a participar no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Universidade da Bahia, em Agosto de 1959, aproveita a ocasião para ficar na outra margem do Atlântico. O poeta, o intelectual, o ainda engenheiro civil, é tudo menos um neófito em política; até porque, como ele dirá numa entrevista de 1978, «fui sempre um exilado, mesmo antes de sair de Portugal». Não é um «inocente útil»; mas não é também um *compagnon de route*, a figura típica do intelectual de esquerda do seu tempo. Lembremos, em articulação com a «posição política definida» acima, em 1971, como «republicana e socialista», o que escreve em Dezembro de 1960: «Católico de religião, marxista em filosofia, liberal em política, não pertença pois a igreja nenhuma, e não posso nem quero contar com a absolvição de qualquer. Só a própria consciência me pode salvar e à dignidade de que, como intelectual, me tornei fiador» (Sena, 2011: 403).

Talvez seja importante frisar que ser liberal em política era (é ainda?) ser pela liberdade (a palavra vem do latim *liberalis*, «que diz respeito a um homem livre»). Mas recordemos uma outra autocaracterização de Jorge de Sena, feita numa conferência de 1976, que é uma súpula do modo como ele se situa na vida:

Sou pessoalmente contra qualquer igreja organizada ou qualquer partido organizado, mas reconheço o direito de qualquer pessoa ser um membro seja do que for, desde que a minha liberdade pessoal não seja com isso afectada. Religiosamente falando, posso dizer que sou um católico mas não um cristão – o que significa que respeito na Igreja Católica todo o velho paganismo que ela conservou nos rituais, nos dogmas, etc., sob vários disfarces, tal como a Reforma protestante não soube fazer. Acredito que os deuses existem abaixo do Uno. Mas neste Uno não acredito, porque sou ateu. Contudo, um ateu que, de uma maneira de certo modo hegeliana, pôs a vida e o seu destino nas mãos desse Deus cuja existência ou não-existência são a mesma coisa sem sentido. Filosoficamente, sou um marxista para quem a ciência moderna apagou qualquer antinomia entre os antiquados conceitos de matéria e espírito. Mas politicamente sou contra qualquer espécie de ditadura (quer das maiorias, quer das minorias), e em favor da democracia representativa. Não tenho quaisquer ilusões acerca desta – pode ser a máscara para o mais impiedoso dos imperialismos. Mas isso também o podem ser outros sistemas. Sou a favor da paz e do entendimento entre as nações, e espero que o socialismo prevalecerá em toda a parte, mantendo todas as liberdades e a democracia representativa. Não subscrevo a divisão do mundo em bons e maus, entre Deus e o Diabo. Apesar da minha formação hegeliana, e também por causa dela, os contrários são para mim mais complexos do que a aceitação de maniqueísmos simplistas. Moralmente falando, sou um homem casado e pai de nove filhos, que nunca teve vocação para patriarca, e sempre foi em favor de a mais completa liberdade ser garantida a todas as formas

de amor e de contacto sexual. Nenhuma liberdade estará jamais segura, em qualquer parte, enquanto uma igreja, ou um partido, ou um grupo de cidadãos hipersensíveis, possa ter o direito de governar a vida privada de alguém. Do mesmo modo, não devemos nunca pactuar com a ideia de que qualquer reforma vale o preço de uma vida humana. Mais do que nunca, num mundo onde as vidas humanas se tornaram tão baratas que podem ser gastas aos milhões, aos escritores cumpre resistir. Poderemos ter revoluções – mas tenhamos esperança de que nelas as pessoas podem morrer por acidente mas nunca assassinadas. (Sena, 1978: 256-257)

Jorge de Sena integra-se de imediato na rede de exilados políticos portugueses e de opositores ao regime, comunidade muito diversa, em termos de composição política e social, que habita o Brasil, onde Adolfo Casais Monteiro, seu compadre, camarada literário e amigo querido, estava desde 1954, o comunista Vítor Ramos, de quem se tornaria amigo, tinha chegado em 1956, ou o capitão João Sarmento PiménteL residia desde 1927, após a revolta de Fevereiro, no Porto¹. E onde muitos outros haviam chegado nos anos 50, como Fernando Lemos, outro dos amigos de Jorge de Sena, ou estavam chegando desde a fraude eleitoral de 8 de Junho de 1958, a começar pelo próprio general Humberto Delgado, no Rio de Janeiro desde Abril de 1959.

Jorge de Sena começa a colaborar no jornal *Portugal Democrático* no n.º 30, de Novembro de 1959, com dois textos anónimos: um editorial (por definição, sem assinatura individual) sobre o 5 de Outubro e a unidade da oposição, e um artigo satírico (não assinado, por precaução)

¹ Jorge de Sena prefaciou as duas edições (1963 e 1974) de *Memórias do Capitão*, de João Sarmento PiménteL, textos recolhidos por Mécia de Sena em *Estudos de Literatura Portuguesa-II* (1988), pp. 221-229.

«Some-te, rato!», em que o animal é o ditador de Santa Comba. Esta estreia aponta duas direcções importantes da sua intervenção política e cultural, nas páginas deste jornal: o ataque centrado em Salazar e na sua política, interna e externa, e a atenção às questões relacionadas com a construção de um novo regime democrático, a partir de uma revisão crítica da herança republicana, evocada nas datas históricas e identitárias do 31 de Janeiro e do 5 de Outubro, e em particular da sua tradição cultural, em termos cívicos e patrióticos. É a este nível que deve ser ligada a preocupação manifestada, nestes artigos, em disputar ao salazarismo o domínio do campo simbólico. Daí a relevância dada à história nacional, à sua interpretação ou réinterpretação, e, portanto, a certas personagens históricas, como o Infante D. Henrique (um dos artigos surge, justamente, na rubrica «Valores portugueses»), ou da cultura contemporânea, como é o caso de Jaime Cortesão (ver Sena, 2011: 90, 92 e 109). A publicação, primeiro no *Estado de S. Paulo* (20 de Agosto de 1960) e depois no *Portugal Democrático* (n.º 40, Setembro de 1960), dos poemas de Fernando Pessoa contra Salazar e o Estado Novo, que Jorge de Sena guardava desde a sua descoberta em 1954 (ver Sena, 2004: 126), tem, nesta disputa cultural, a sua oportunidade, permitindo retirar o poeta da *Mensagem* à propaganda do nacionalismo colonialista².

O *Portugal Democrático*, fundado em 1956, tivera um renovo com as eleições de 1958 e a posterior chegada de Delgado ao Brasil. O mesmo acontecera com o Centro Republicano Português, de São Paulo, fundado

² «Esta composição [o triplo poema “Salazar”] e aquela sátira [o poema “Sim, é o Estado Novo, e o povo”] mostram que Pessoa, se se deixara envolver na farsa do prémio concedido por favor à *Mensagem* que havia sido publicada nos fins do ano anterior [1934] [...], não só mantinha as suas distâncias como estava a enveredar por uma atitude de franca “resistência”» (Sena, 1984: 306).

em 1908, sem actividade desde 1944. E ainda em 1958 é criado o Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão, iniciativa de Miguel Urbano Rodrigues. Jorge de Sena participa em todos estes órgãos da oposição portuguesa no Brasil. Faz diversas conferências no Centro Republicano, redige, para além de assinar, alguns dos comunicados do Comité dos Intelectuais e integra o conselho de redacção do *Portugal Democrático* entre o n.º 32, de Janeiro de 1960, e o n.º 69, de Fevereiro-Março de 1963. Em 1961-62, é um dos vice-presidentes da UDP, Unidade Democrática Portuguesa, criada em Outubro de 1961, sob proposta do socialista João Manuel Tito de Morais e com o apoio do Partido Comunista.

No capítulo I, «Objectivos», do seu *Regulamento* (documento no espólio de Jorge de Sena), «aprovado em Assembleia de Oposicionistas Portugueses no dia 18 de Novembro de 1961, no Centro Republicano Português, em São Paulo», lê-se:

A-1.º – Os democratas portugueses residentes no Brasil decidiram criar um Movimento Político «Unidade Democrática Portuguesa» baseado nos seguintes princípios que tornam públicos e que servem de base ao presente Regulamento:

a) – Que serão as acções unitárias de todas as forças políticas democráticas que poderão levar à vitória a luta que o Povo Português trava pela Democracia.

b) – Que a direcção da luta das forças democráticas portuguesas reside em Portugal, onde também se encontra o principal campo de acção da luta contra a ditadura fascista de Salazar.

c) – Que a actividade dos democratas no exterior se funda na importância e na necessidade de desmascarar internacionalmente a ditadura e de coordenar o apoio político e financeiro para as lutas internas.

d) – Que é seu objectivo ajudar a reforçar e a alargar a unidade de todos os democratas, tanto em Portugal como no estrangeiro, sem discriminações políticas e partidárias de qualquer espécie, verberando formal e publicamente quaisquer acções de carácter discriminatório e divisionista.

e) – Que reconhecem o direito à auto-determinação e independência dos povos coloniais e em consequência apoiam sem restrições e inequivocamente a luta dos povos das colónias portuguesas pela sua libertação, considerando a mesma um forte aliado da luta do Povo Português contra a ditadura fascista de Salazar³.

Não é este o lugar para expor as dissensões geradas, nos anos 60, no seio da oposição portuguesa no Brasil, matéria, aliás, a necessitar de historiação e estudo, até hoje muito fragmentários. *Rever Portugal* (2011), de Jorge de Sena, apresenta materiais importantes, quer na secção II, quer nos apêndices 1 e 3, onde se transcrevem, por exemplo, a «Declaração» de ruptura com a orientação política do jornal *Portugal Democrático* e o «Memorando» de tentativa de entendimento que a precedeu, ou a carta conjunta de demissão dos vice-presidentes da UDP, Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena. O espólio de Jorge de Sena contém correspondência política com João Sarmento Pimentel, João Manuel Tito de Morais, João Alves das Neves, Manuel Sertório, Victor da Cunha Rêgo, Vítor Ramos e outros, à espera de investigadores.

³ Na recente *Fotobiografia de Manuel Tito de Morais* (Lisboa: Guerra & Paz, 2010) reproduz-se, em fac-símile, uma «Declaração» (p. 54), sem data (e sem legenda), de fundação da UDP, que corresponde ao texto deste capítulo I do Regulamento do movimento. Nela podemos identificar as assinaturas de Adolfo Casais Monteiro, Augusto Aragão, Jorge de Sena, Carlos Cruz, João Manuel Tito de Morais, Manuel Sertório e João Sarmento Pimentel, entre outros.

Com a demissão da vice-presidência da Unidade Democrática Portuguesa, em 1962, e do conselho de redacção do jornal *Portugal Democrático*, em 1963, a actividade política de Jorge de Sena fica suspensa e, por assim dizer, em suspenso, aquando do golpe militar de 31 de Março (ou 1.º de Abril) de 1964, que aproxima a situação brasileira de um *déjà vu* insuportável, e, para mais, quando, em Março de 1963, fizera apenas um ano, se vira obrigado a naturalizar-se brasileiro, por razões de ordem profissional⁴. É então que surge a oportunidade de mudar para a Universidade do Wisconsin, em Madison, nos Estados Unidos.

3

A mudança para Madison, no Estado do Wisconsin, em Outubro de 1965, trouxe a Jorge de Sena um considerável isolamento em relação à vida política portuguesa, apenas quebrado no final de 1968, quando, na sequência de uma viagem à Europa, regressa a Portugal, após nove anos de exílio⁵. No dia 22 de Dezembro, à chegada, por comboio, a Marvão,

⁴ A aquisição da cidadania brasileira era um requisito para poder prestar provas de livre-docência, ou seja, para ser livre de ensinar no sistema público universitário do Brasil, aspecto independente das provas para obtenção do grau de doutor, que acaba por fazer, juntamente com aquelas, em 28 e 29 de Outubro de 1964, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (São Paulo).

⁵ Nesses anos de 1965-68, a colaboração mais significativa de Jorge de Sena na imprensa portuguesa encontra-se na revista *O Tempo e o Modo*, onde escreve desde 1963. Esta revista dedica-lhe todo o n.º 59, de Abril de 1968.

é detido pela PIDE, que possuía um mandado de captura contra Jorge de Sena, emitido em 1962, que interditava a sua entrada em território nacional, sendo recambiado para Valencia de Alcántara, na fronteira espanhola. Após conversações telefónicas com Marcelo Caetano, é-lhe concedido um visto de entrada (ver Sena, 2004: 259-260). A censura permite o relato do sucedido como um «equivoco de fronteira».

Jorge de Sena permanece em Portugal até 14 de Fevereiro de 1969, e regressa nos anos subsequentes, sempre em trânsito entre a América e a Europa, onde vem fazer conferências e pesquisas. Os poemas escritos nestes anos e publicados em colectâneas como *Peregrinatio ad loca infecta* (1969), *Exorcismos* (1972) e *Conheço o Sal... e Outros Poemas* (1974) mostram as intersecções entre a poesia, a política e a história, de um cidadão do mundo sem possibilidades de uma intervenção política directa na sociedade portuguesa.

A transição para a Universidade da Califórnia, em Santa Barbara (UCSB), em Agosto de 1970, permite-lhe, no entanto, entrar em contacto com as vastas comunidades de luso-americanos e de imigrantes portugueses daquele Estado, realidade praticamente ausente no Wisconsin. Apesar do *campus* de Santa Barbara estar relativamente afastado dos lugares de maior densidade populacional dessas comunidades, o facto é que essa aproximação se vai gradualmente operando, graças ao carisma pessoal e intelectual de Jorge de Sena e às acções que empreende a partir do momento em que assume a direcção do departamento de Espanhol e Português da UCSB, em Julho de 1975. Os textos aqui reunidos, na secção V, permitem entender a importância da sua intervenção política e cultural junto das comunidades portuguesas da Califórnia.

É durante o período californiano que Jorge de Sena faz uma das mais importantes peregrinações da sua vida: a viagem de 1972 a Moçambique, com passagem por Atenas e regresso por Joanesburgo e Luanda,

e uma visita demorada à Ilha de Moçambique, onde escreve o poema «Camões na Ilha de Moçambique». Esta viagem é objecto de quatro crónicas de Jorge de Sena, publicadas no *Diário Popular*. É uma verdadeira jornada de África, no sentido mítico da expressão, tendo, para mais, como pretexto a comemoração do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*. As referências do cronista à situação social e política vivida em Moçambique e Angola, em plena guerra colonial, são, necessariamente, da ordem da subtilidade (serão mais directas nalguns dos seus poemas, como «Café cheio de militares em Luanda», por exemplo), mas o que me parece importante, para além de tudo, é o gesto fundamental, por parte de Jorge de Sena, de inscrição da história da sua família (desde a vida da avó Isabel em Angola até à sua viagem, como cadete da Armada, àquele território, passando pelo episódio, autêntica narrativa de origem, do encontro da mãe e do pai a bordo de um navio) na história africana e lusíada de Portugal: «Estive por Angola há trinta e quatro anos, nos meus tempos de rapaz e marinheiro. [...] // É certo que as Áfricas já eram e continuaram a ser uma presença viva na minha família, quando eu nasci – desde que, há cerca de um século, minha avó materna, Isabel dos Anjos Alves Rodrigues Teles Grilo, a “Senhora Grande” para os indígenas do sul de Angola [...] // Eu mesmo, na verdade, vim a nascer destas Áfricas – sem elas, minha mãe, [...] menina e moça e ruiva, não teria conhecido a paixão romântica e brutal do capitão de navios, jovem e de bigodes retorcidos, que foi o meu pai» (Sena, 2011: 204-205).

Só no «Discurso da Guarda», em 1977, a propósito de Camões e de *Os Lusíadas*, naturalmente, encontramos este tipo de narrativa, quando Jorge de Sena propõe ao seu vasto auditório, que extravasava da sala exígua do liceu da Guarda, uma reinscrição da identidade portuguesa, perdido já o império, com a descolonização de 1975, na narrativa mitológica da epopeia nacional, ao lembrar que os portugueses, através de

Luso, são descendentes de Baco, ou Diónisos, conquistador da Índia, estabelecendo uma analogia entre a sexualidade promíscua dos deuses e a promiscuidade sexual dos portugueses, criadores de mestiçagem (ver Sena, 2011: 334-335).

Como acima disse, julgo que os textos saídos desta viagem têm um claro significado político, enquanto revisão de um Portugal multidimensional, que terá consequências no modo como Jorge de Sena lê os acontecimentos subsequentes ao 25 de Abril de 1974, nomeadamente quanto às suas observações sobre o fenómeno dos refugiados (ou «retornados», como então ficaram conhecidos) das antigas colónias portuguesas.

4

O entusiasmo de Jorge de Sena em relação à revolução de 1974 é evidente nos primeiros textos, quer nos publicados em jornais de Lisboa, quer nas palavras que dirige à comunidade portuguesa na Califórnia.

A minha adesão à Revolução manifestou-se numa reunião da colónia portuguesa, que, por coincidência, se realizava quando chegavam as notícias contraditórias dos acontecimentos de Abril. Depois disso, várias vezes, em jornais portugueses, escrevi artigos ou publiquei poemas acerca da Revolução. Se, de certa altura em diante, deixei de o fazer, não foi especificamente para reduzir-me ao silêncio. Antes de mais, por circunstâncias várias, este ano de 1975 tem sido extremamente difícil para mim, devido a excesso de trabalho universitário e administrativo. E, em segundo lugar,

porque, vivendo longe de Portugal, quanto eu escreva para jornais, ao ser publicado semanas depois dos acontecimentos que possam haver-me inspirado, será obsoleto ou parecerá inoportuno, lá onde as modificações, ainda que às vezes só aparentes, se têm sucedido com grande rapidez. Na verdade, por muito que me informe e me informem, estou realmente longe, não tanto para compreender genericamente o que se passa, mas para publicar sobre assuntos do «momento» em diários ou semanários. (Sena, 2011: 252)

A desilusão não tardará, porém, a surgir, quando o país, no «Verão quente» de 1975, parece à beira da guerra civil, mas – e isto merece ser sublinhado – esse desencantamento apenas tem expressão nos textos publicados na imprensa portuguesa. As palestras, as conferências, as mensagens que Jorge de Sena dirige aos luso-americanos e aos imigrantes portugueses nos Estados Unidos veiculam uma confiança inabalável na afirmação e no desenvolvimento da democracia portuguesa.

Como diz, em Maio de 1975, numa carta a Araújo Dantas, do Partido Socialista, «o trabalho a fazer junto das comunidades portuguesas ou luso-americanas é mais de informação e esclarecimento [...] do que um trabalho eleitoral em favor de qualquer partido» (Sena, 2011: 243). É neste sentido que Jorge de Sena assume, enquanto intelectual, o papel de mediador e intérprete da revolução de Abril e da história de Portugal. A revisão e revisitação da história do país passa a ser a chave do enquadramento político das suas intervenções públicas sobre os acontecimentos da revolução, em palestras, colóquios, mensagens, junto de uma comunidade que vive a sua ligação a Portugal, justamente, ao ritmo identitário da celebração das datas históricas.

A palestra comemorativa do primeiro «1.º de Dezembro» posterior ao 25 de Abril de 1974 é exemplar desse propósito de *rever* Portugal, de *revisitar* a sua história, de *tornar a ver*, ou seja, de *ler de novo* os acontecimentos,

de *reinterpretar* o passado à luz da liberdade reconquistada e, assim, *reaver* Portugal, reconduzindo os portugueses a um Portugal *revisto*:

Até Abril de 1975, todas as celebrações promovidas pelos portugueses são ou devem ser marcadas por um sinal novo: o serem celebradas pela primeira vez depois da libertação de um país que vivia em ditadura desde 1926. A celebração que nos reúne hoje é a do 1.º de Dezembro de 1640, quando, por uma revolução lisboeta que se propagou a todo o país e aos restantes territórios portugueses de então com o Brasil, Portugal se separou da Espanha a que estivera unido durante sessenta anos, desde 1580. No momento actual, tem muito interesse meditar sobre este acontecimento, já que um domínio estrangeiro não é na essência diverso do domínio de determinados grupos servidos por uma polícia e uma censura.

[...]

Assim, como vemos, celebrar o 1.º de Dezembro tem, no contexto actual, um sentido inteiramente novo. Não foi contra a Espanha, mas contra a união com ela que Portugal se levantou em 1640. Do mesmo modo, a nova independência não é feita contra ninguém, mas sim pelos portugueses e para os portugueses. E ninguém, senão eles, é juiz dos destinos de Portugal. (Sena, 2011: 261 e 265)

É o destino de Portugal, entre o regresso às fronteiras medievais e a viagem de uma cultura em diáspora, que Jorge de Sena procura inquirir nos textos posteriores a 1974, mas que, em termos gerais, sempre esteve presente, no decurso de quase duas décadas, entre 1959 e 1978. As décadas que assistiram ao começo do fim de um Portugal arregimentado e ao nascimento de um Portugal diverso.

Os textos políticos de Jorge de Sena, que vêm a lume, por mera coincidência, no ano em que se comemora o início da guerra colonial (1961),

que haveria de pôr termo ao velho Estado Novo, são um contributo decisivo para a necessidade constante de se rever Portugal. E hão-de contribuir, também, para afastar de vez a «lenda negra» do pouco amor do poeta pela pátria ou, como ele tantas vezes escreve, pela mãe-pátria. Em primeiro lugar, porque Jorge de Sena nunca teve vergonha da nossa história. Em segundo lugar, porque existe gente, com espaço de opinião, que não sabe ler poesia. E depois, porque não há um Portugal único, e muito menos ao longo do século xx. Uma coisa é o Portugal das ditaduras, a que sofremos durante décadas e a que estivemos a ponto de sofrer, e outra coisa o Portugal justo e livre, democrático e socialista, duramente desejado nessas mesmas décadas de exílio. É deste que sonham, ainda, as palavras de Jorge de Sena.

Lisboa, Março de 2011 (adaptado em Abril de 2012).

Obras citadas

- SENA, Jorge de (1978), «Para um balanço do século xx – poesia europeia e outra», *Dialécticas Teóricas da Literatura*, Lisboa: Edições 70, pp. 256-257.
- SENA, Jorge de (1984), *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)* [1982], ed. Mécia de Sena, 2.ª ed., Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de (2004), *Diários*, ed. Mécia de Sena, Portó: Caixótim.
- SENA, Jorge de (2011), *Rever Portugal: Textos Políticos e Afins*, ed. Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço, Obras Completas de Jorge de Sena, Lisboa: Guimarães.
- SENA, Mécia de; SENNA, Isabel de (1983 [1985]), «Jorge de Sena: biobibliografia», *Quaderni portoghesi* (Pisa), n.º 13/14, p. 19.